

PARÓDIA EM JORNALISMO – O CASO DO SITE *SENSACIONALISTA*

CRISTÓVÃO, Assunção¹

RESUMO: Este artigo analisa o gênero paródia jornalística presente no site *Sensacionalista*, numa perspectiva do Círculo de Bakhtin a partir dos conceitos paródia, gênero do discurso, carnavalização, forças centrípetas e centrífugas e, certamente, dialogismo, fio condutor das visões teóricas de Mikhail Bakhtin e seu grupo de estudos. Para Bakhtin, a paródia não se encontrava num nível inferior ao dos gêneros ditos sérios, pelo contrário. O autor valorizava aspectos como o riso, a inversão e a profanação, características que encontrou nos romances de Rabelais e que descreveu na obra *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*, em que desenvolve o conceito de carnavalização, que está diretamente ligado ao conceito de paródia no que se refere a categorias como a inversão e a profanação. O site *Sensacionalista* usa esse expediente em relação à imprensa considerada séria e subverte o conteúdo temático do gênero mantendo sua estrutura composicional e estilo para provocar o riso. Para efeito deste artigo, foi analisada uma paródia de notícia e observadas suas características como gênero discursivo em relação ao jornalismo dito sério. Espera-se, com o artigo, ajudar a revelar alguns aspectos da atração que esse tipo de jornalismo de paródia exerce junto ao público.

PALAVRAS-CHAVE: paródia, jornalismo, site *Sensacionalista*.

PARODY IN JOURNALISM - THE CASE OF THE *SENSACIONALISTA* SITE

ABSTRACT: This article analyzes the journalistic parody genre present on the *Sensacionalista* website, from the perspective of the Bakhtin Circle from the concepts parody, discourse genre, carnivalization, centripetal and centrifugal forces and, certainly, dialogism, the guiding thread of Mikhail Bakhtin's theoretical views and your study group. For Bakhtin, the parody was not at a lower level than the so-called serious genres, on the contrary. The author valued aspects such as laughter, inversion and

¹ Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Franca – UNIFRAN, São Paulo. E-mail: assuncao.cristovao@gmail.com.

deseccration, characteristics he found in Rabelais' novels and which he described in the work *Popular culture in the Middle Ages and in the Renaissance*, in which he develops the concept of carnivalization, which is directly linked to the concept parody regarding categories such as inversion and deseccration. The *Sensacionalista* website uses this expedient in relation to the press considered serious and subverts the thematic content of the genre while maintaining its compositional structure and style to provoke laughter. For the purpose of this article, a news parody was analyzed and its characteristics were observed as a discursive genre in relation to the so-called serious journalism. It is hoped, with the article, to help reveal some aspects of the attraction that this type of parody journalism exerts with the public.

KEYWORDS: parody, journalism, *Sensacionalista* site.

INTRODUÇÃO

Grande parte dos estudos e das pesquisas feitos hoje no Brasil e no mundo, que utilizam a paródia como elemento de análise, não prescindem do referencial teórico desenvolvido pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin, em especial o que relaciona a paródia ao conceito de carnavalização, desenvolvido principalmente nas obras *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento – O contexto de François Rabelais* e *Problemas da Poética de Dostoiévski*, entre outros textos.

Assim como vários dos conceitos desenvolvidos pelo filósofo russo, as noções de paródia e de carnavalização estão imbricadas com outras igualmente importantes em seus estudos e distribuídas em muitas de suas obras, ou nas obras de membros do conhecido Círculo de Bakhtin. Não é possível, por exemplo, observar as análises bakhtinianas das festas populares da Idade Média e do Renascimento sem relacioná-las com as concepções de polifonia, plurilinguismo e, é claro, de dialogismo, princípio maior que norteia a visão de linguagem de Bakhtin e do Círculo.

O dialogismo permeia toda a linguagem humana e se dá sempre na interação do discurso do sujeito com o discurso alheio. Ao falar, o sujeito se posiciona - acata, refuta outros discursos, emite pontos de vista. Dessa forma, nenhum discurso é neutro nem original; qualquer que seja ele, faz parte de uma cadeia de enunciados que vieram antes dele e que continuará a se desenvolver com outros discursos sociais que virão a seguir. Nesse sentido, o sujeito já prevê os discursos que virão depois do seu e antecipa, num diálogo *stricto sensu*, as objeções, concordâncias, enfim, as reações do seu interlocutor, moldando o seu discurso em função delas.

Em seus estudos sobre o romance e principalmente sobre a obra de Dostoiévski, Bakhtin dá o nome de polifonia a essa dinâmica dialógica. Nesse autor, o teórico encontra a síntese daquilo que denominou de romance polifônico, no qual se evidenciam em pé de igualdade uma multiplicidade de vozes equipolentes, além do plurilinguismo, do hibridismo e de outras manifestações que simulam a troca linguística, a produtividade resultante de uma convivência entre línguas e culturas diferentes. No romance de Dostoiévski, as vozes aparecem em pé de igualdade com o narrador e com o autor, ao contrário da poesia, por exemplo, que para Bakhtin representa a manifestação de um único estilo e uma única voz, sendo considerada por ele uma manifestação monológica.

Barros (2005, p. 34) distingue os termos dialogismo e polifonia, reservando “dialogismo para o princípio dialógico constitutivo da linguagem e de todo discurso” e empregando a palavra polifonia para caracterizar “um certo tipo de texto, aquele em que o dialogismo se deixa ver, aquele em que são percebidas muitas vozes, por oposição aos textos monofônicos, que escondem os diálogos que os constituem”.

A língua nacional, para Bakhtin, é considerada um instrumento de dominação, um processo centrípeto, ainda que sua unidade seja apenas relativa. O plurilinguismo, por sua vez, no âmbito da vida cotidiana, se manifesta nos diferentes dialetos, nos jargões profissionais, nas variações de várias ordens, como geográficas, sociais, de gerações, entre outras, constituindo um processo centrífugo que destrói a aparente unidade das normatizações linguísticas. Enfim, para o filósofo russo (BAKHTIN, 1998), o plurilinguismo seria, então, a presença de diferentes línguas sociais no âmbito de uma mesma unidade linguística, em situações reais e materializadas de uso. Quando trata de línguas sociais, Bakhtin está se referindo não apenas à estratificação social propriamente, mas também àquela encontrada nos jargões de diferentes esferas profissionais, refletidas nos diferentes gêneros discursivos dessas esferas etc. Para o autor, “[...] todas as visões de mundo socialmente significativas têm a faculdade de espoliar as possibilidades intencionais da língua por intermédio de sua realização concreta específica” (BAKHTIN, 1998, p. 97).

O TEXTO NO JORNALISMO

Visto dessa maneira, o texto jornalístico padrão pode ser considerado monológico e centrípeto, por adotar a linguagem padrão e possuir regras rígidas em sua estrutura composicional, pelo menos no que tange ao jornalismo considerado sério, em especial os jornais impressos de grandes conglomerados.

Nesse tipo de jornalismo, a notícia padrão é composta por um lide, ou *lead*, que é a abertura da matéria, com as informações mais relevantes. Aceita-se, geralmente, que o lide deva conter as seguintes informações: o quê, quem, quando, onde, como e por quê.

Ao falar dos gêneros jornalísticos, o *Manual de Redação da Folha de São Paulo* descreve notícia da seguinte forma: “relata a informação da maneira mais objetiva possível; raramente é assinada” (2010, p. 74). Como se vê, mesmo a *Folha*, se se considerar essa definição, não credita à notícia um “grau zero” em termos de objetividade, ainda que a imparcialidade e a isenção sejam utopias secularmente perseguidas pelo jornalismo dito sério.

Para que se busque o máximo de isenção possível, a notícia também tem como norma ser estruturada a partir do princípio da pirâmide invertida, definido assim pelo *Manual de Redação da Folha de S. Paulo* (2010, p. 94):

Técnica de redação jornalística pela qual as informações mais importantes são dadas no início do texto e as demais, em hierarquização decrescente, vêm em seguida, de modo que as mais dispensáveis fiquem no final. É a técnica mais adotada em jornais do Ocidente. Deve ser usada pelos jornalistas da *Folha* em textos noticiosos.

De acordo com o *Manual da Folha*, a técnica da pirâmide invertida surgiu para resolver um problema de notícias enviadas a vários jornais diferentes, principalmente por assessorias de imprensa e agências de notícias. Os grandes jornais, hoje, evitam reproduzir esses materiais em suas páginas sem uma pesquisa própria, mas num determinado momento isso foi comum, e o editor, quando tinha problemas de espaço, simplesmente cortava o final do texto para possibilitar a publicação do material.

Segundo informa Silva, essa prática surgiu nos Estados Unidos: “As agências precisaram criar a fórmula da pirâmide invertida para que cada jornal pudesse fazer os cortes necessários nos textos para adaptá-los a suas necessidades sem perderem informações fundamentais” (1991, p. 110). O autor mostra, então, o motivo da colocação dos dados na notícia nessa ordem decrescente de importância. “O corte poderia ser feito ‘pelo pé’, numa operação rápida, sem perda da substância informativa”, completa o autor (p. 110). Com o lide, então, as informações essenciais eram mantidas, independentemente do corte.

Ainda segundo a *Folha* (*FOLHA DE S. PAULO*, 1987, p. 157), esse procedimento:

Acabou por servir ao leitor, que também pode realizar a mesma operação de corte. Lido o primeiro parágrafo, o leitor já está informado do que há de mais

importante e pode dispensar o resto, se desejar. É a técnica de redação jornalística mais disseminada no mundo ocidental.

Para constituir-se como notícia e, portanto, como objeto da atenção do jornalista, o fato relatado num texto do gênero notícia deve ter algumas características peculiares, como a proximidade em relação ao público para o qual se destina, o ineditismo, a atualidade e outras. Com a prática profissional, essas características são absorvidas pelos produtores da notícia, que criam entre si uma comunidade discursiva, com valores, termos e lógica próprios. Assim, é comum ouvir de jornalistas que “notícia boa é notícia ruim”. Esse enunciado, que poderia chocar membros de comunidades discursivas outras, faz parte do cotidiano do profissional que, no dia a dia, convive com a tarefa de seleção dos fatos, eivados de elementos que chamam a atenção de seu público. Por essa lógica, um acidente que provoca grande número de vítimas é mais interessante para a cobertura jornalística do que outro no qual poucas pessoas morrem. Assim, além da forma textual, há um conteúdo, grosso modo, padrão no jornalismo.

A PARÓDIA NO SITE *SENSACIONALISTA*

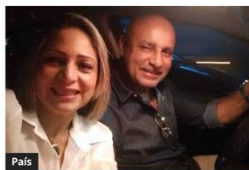
Por suas características de seriedade e de rigidez temática e composicional, o jornalismo é um terreno fértil para a paródia. No Brasil, um dos primeiros veículos a explorar esse nicho foi *O Planeta Diário*, criado em 1984 por três egressos do *Pasquim* (Hubert, Reinaldo e Claudio Paiva), o conhecido jornal que desafiou a ditadura militar brasileira. Diferente do *Pasquim*, *O Planeta Diário* tinha por característica ser uma sátira aos jornais tradicionais, com uma diagramação conservadora que o fazia ser confundido com um jornal sério nas bancas de revistas. O jornal encerra suas atividades em 1992.

Mais recentemente, outras publicações surgiram com as mesmas características, sendo que as duas mais populares são o *Sensacionalista* e o *The Piauí Herald*, braço de humor da revista *piuí* (assim mesmo, com letra minúscula), fundada em 2009 (como o *Sensacionalista*), por João Moreira Salles. O *Sensacionalista* foi criado por Nelito Fernandes, que havia sido redator do programa *Casseta & Planeta*, da *Rede Globo* (que, por sua vez, possuía integrantes vindos d’*O Planeta Diário*). O *Sensacionalista* chegou a ser considerado o quarto jornal do país, com 11 milhões de visualizações únicas mensais. Assim como outros representantes desse tipo de jornalismo de entretenimento, ou pseudojornalismo humorístico, como é chamado por alguns pesquisadores (MORETT, 2015), o site tem como características um *layout* e uma linguagem semelhantes aos de jornais *on-line* da imprensa tradicional, como se vê abaixo:

Sensacionalista

isento de verdade

HOME VÍDEOS PAÍS ESPORTE ENTRETENIMENTO MUNDO DIGITAL LISTAS COMPORTAMENTO CAMISETAS 🔍



Justiça inova e inventa progressão de regime de foragido

A Justiça brasileira ganhou o prêmio de inovação internacional do Direito. A façanha foi conseguida depois que a mulher de Fabrício Queiroz...



Queiroz vai cumprir prisão domiciliar no palácio do Alvorada



Coronavírus está infectado com Bolsonaro



Integrantes do MBL são presos por lavagem de dinheiro e dizem que culpa é do PT

A Polícia Civil de São Paulo prendeu na manhã de hoje dois integrantes do MBL por suspeita de lavagem de dinheiro na ordem de...



Coronavírus finalmente assume governo Bolsonaro



Mulher que atacou fiscal no RJ é convidada para ser ministra da Saúde



Após foto sem autorização, Regina Duarte nega apoio a Regina Duarte



As melhores logomarcas para o 'Aliança pelo Brasil' do Bolsonaro feitas por nossos leitores



As melhores montagens de Greta Thunberg no trem feitas por nossos leitores



Os momentos mais loucos dos debates eleitorais do Brasil de 1989 para cá



Os melhores memes com a Renata Vasconcelos depois da entrevista com Bolsonaro

Fonte: Sensacionalista.com.br. Acesso em: 22 de jul. de 2020.

No processo dialógico proposto por Bakhtin, pode-se então inferir que o site *Sensacionalista* dialoga, por meio da paródia, com os jornais ditos sérios. Assim como o

carnaval², constitutivamente dialógico, segundo Bakhtin, a paródia, inclusive a operada no site *Sensacionalista*, mostra duas realidades separadas temporalmente.

No dizer de José Luis Fiorin, “uma é a oficial, monoliticamente séria e triste, submetida a uma ordem hierarquicamente rígida, penetrada de dogmatismo, temor, veneração e piedade” (2016, p. 102). A outra, diz o autor, é a da praça pública: “livre, repleta de riso ambivalente, de sacrilégios, de profanações, de aviltamentos, de inconveniências, de contatos familiares com tudo e com todos” (idem). Nessa relação que ora fazemos entre o carnaval e a paródia encontrada no site *Sensacionalista*, vemos que se quebram valores de seriedade relacionados à moral e à religião, e principalmente aqueles relacionados à política.

Para Bakhtin, a paródia é um fenômeno bivocal e bilíngue, com duplo sentido. Nela há o cruzamento de duas linguagens, aquela que é parodiada e a que parodia, num evidente processo dialógico. O autor que parodia usa a linguagem parodiada, mas num sentido oposto, diferente e hostil ao significado original.

Na análise do site *Sensacionalista*, essa característica aparece desde o slogan do jornal: “Sensacionalista – um jornal isento de verdade”.

Sensacionalista

isento de verdade

Fonte: sensacionalista.com.br. Acesso em: 22 de jul de 2020.

O duplo sentido é claro no slogan. Isento de verdade pode ser entendido como: o jornal é isento mesmo, de verdade; ou: ele não tem verdade. O próprio nome da publicação, *Sensacionalista*, mostra o espírito dos textos, uma vez que um jornal sério, ainda que fosse sensacionalista na abordagem dos fatos, dificilmente colocaria esse adjetivo no título do site.

² Usa-se, aqui, o exemplo do carnaval com a finalidade de ser fiel à análise bakhtiniana feita a partir da obra de Rabelais, que deu origem ao conceito de carnavalização e que está presente na obra *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento – O contexto de François Rabelais*.

Entretanto, a concepção de paródia analisada por Bakhtin nas obras *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento e Problemas da Poética de Dostoiévski*, entre outros textos, não é aquela que se adota atualmente para a análise literária puramente formal. A paródia que o autor russo busca nos textos medievais, principalmente os de Rabelais, proclama uma “ambivalência regeneradora” (BAKHTIN, 1999, p. 19). “Por isso”, diz o autor na mesma página, “as degradações em geral não podiam conservar, na época moderna, sua imensa significação original”.

Não é, segundo a visão de Bakhtin, que a paródia moderna também não tenha a característica de degradar; porém, para ele, essa degradação possui apenas um caráter negativo, “carente de ambivalência regeneradora”. Essas degradações regeneradoras não são mantidas na época moderna e nem os significados que são atribuídos a elas por Bakhtin na obra de Rabelais e de outras obras da literatura da Idade Média e do Renascimento.

Em termos de linguagem, para Bakhtin, a paródia medieval baseava-se na concepção grotesca do corpo, e essa visão estaria na base de um linguajar repleto de “grosserias, imprecisões e juramentos, de excepcional importância para a compreensão do realismo grotesco” (1999, p. 24).

Para Bakhtin, o traço marcante do realismo grotesco é o “rebaixamento, isto é, a transferência ao plano material e corporal, o da terra e do corpo na sua indissolúvel unidade, de tudo que é elevado, espiritual, ideal e abstrato” (1999, p. 17). Essas oposições, o alto e o baixo, a morte e o renascer, o sério e o cômico, o sagrado e o profano, são as ambivalências que o autor encontra em paródias latinas da Idade Média, muitas baseadas em textos sagrados como o Evangelho. Na análise desses textos, Bakhtin percebe uma “gramática jocosa” (1999, p. 18). Diz o autor: “Nessa gramática alegre, todas as categorias gramaticais, casos, formas verbais, etc., são transferidas ao plano material e corporal, sobretudo erótico” (1999, p. 18). Como se vê, a noção de paródia para Bakhtin está indissolúvelmente ligada ao seu conceito de carnavalização.

No caso do site *Sensacionalista*, não há uma gramática própria, a não ser aquela que tenta reproduzir o texto jornalístico padrão, nem, como ponto forte de seu conteúdo, uma “degradação do sublime” que abranja o sentido amplo que atribui Bakhtin ao termo sublime, ou seja, aquele relacionado à perfeição, à grandiosidade, à elevação, mas a um dos aspectos da definição que o autor dá ao significado do termo sublime, no caso, o conteúdo dito sério, comumente atribuído ao jornalismo tradicional.

Segundo Fiorin (2016, p. 106), “a paródia é ambivalente”. Nela, diz o autor, “há uma bivocalidade: a voz do parodiado e a do parodiante. Zomba-se da voz séria e, ao mesmo tempo, afirma-se uma alegria com a outra voz. Com isso, nega-se o discurso de autoridade e afirma-se a relatividade das coisas”.

A título de exemplo, selecionamos texto publicado pelo *Sensacionalista* no mês de julho de 2020, parodiando duas notícias divulgadas pela imprensa na ocasião. Uma delas é a notícia de que o jovem Pedro Henrique Krambeck, de 22 anos, morador do Distrito Federal, foi picado por uma cobra venenosa do gênero naja. A partir desse acontecimento, a polícia descobriu um esquema de tráfico de animais. A família do jovem, que entrou em coma, mobilizou todo um aparato médico e conseguiu a cessão de um soro do Instituto Butantan, que tinha uma reserva de emergência por ter realizado pesquisa com essa espécie de cobra. A outra notícia, também publicada por grandes jornais do país, foi o flagrante de uma ema bicando o presidente Jair Bolsonaro nos jardins do Palácio do Planalto. Ambas as notícias se espalharam rapidamente, o que, em termos atuais, diz-se “viralizaram”, e foram objeto de memes na internet que estabeleceram relações entre os atos dos animais, com o combate a atitudes como a do rapaz, de classe média alta, que comete um crime de recepção de animais e, ao mesmo tempo, consegue um soro que outras pessoas menos abastadas não conseguiriam, e a oposição ao governo Bolsonaro, sendo que, neste caso, a ema assumia o papel da “esquerda” que deveria combater o presidente.

Segue a imagem da manchete e da foto publicadas pelo *Sensacionalista* em referência a esses fatos:

População quer ema que bicou Bolsonaro no Meio Ambiente e naja na Saúde, diz pesquisa



Fonte: sensacionalista.com.br. Acesso em: 22 de jul. de 2020.

A primeira observação a fazer sobre esse texto verbovisual é que, para que seja compreendido e para que o sentido de humor se estabeleça, o leitor deve conhecer um amplo contexto, que compreende não apenas os dois fatos ocorridos com os animais em questão mas também a situação encontrada nos ministérios do Meio Ambiente e da Saúde no governo Bolsonaro neste momento específico, ou seja, o fato de que ambos os ministérios estavam recebendo críticas da imprensa e da população, o primeiro por conta da atuação do ministro Ricardo Salles ao não tomar medidas concretas contra a destruição do meio-ambiente no Brasil e o segundo, por, num momento de pandemia mundial, não possuir um ministro, médico, definitivo para a pasta, mas um interino que, no caso, era um general do Exército brasileiro. Sem esse conhecimento prévio, que configura uma referencialidade, o sentido completo não se impõe. Essa é uma característica da paródia que a insere na teoria das relações dialógicas desenvolvida por Bakhtin: é um texto que responde a outro texto.

Percebe-se, ainda, nos exemplos apresentados, a preocupação em manter a configuração formal das notícias presentes nos veículos de comunicação ditos sérios, como se verá, a seguir, com a reprodução do corpo da matéria (*SENSACIONALISTA*, 2020):

Uma pesquisa do instituto Nupal (Núcleo de Pesquisas para a América Latina) encomendada pelo Sensacionalista mostrou que 70% da população quer que Ricardo Salles seja substituído pela ema que bicou o presidente Jair Bolsonaro. Segundo a pesquisa, a ema já seria eleita para 28 prefeituras do Brasil na próxima eleição. O slogan seria: “Os outros ficam só no papo, mas eu bico”.

A cobra naja traficada por um traficante de animais de classe média alta de Brasília é a preferida para substituir o ministro Ricardo Salles no Meio Ambiente.

“Se eleita for”, prometeu a cobra naja, “prometo só ser encantada pela flauta de liberais de direita que saibam ler e escrever”, afirmou.

Mantém-se a forma, subverte-se o conteúdo, lança-se mão do absurdo e do grotesco, duas características do texto carnavalizado de que fala Bakhtin, e produz-se então o riso. Faz-se sempre um contraponto com a segunda voz, a parodiada, a da notícia primeira, numa evidente intertextualidade, mas o objetivo é ridicularizar, é buscar características negativas e/ou contraditórias do objeto parodiado primeiro para retirar-lhe a nobreza, a seriedade, o caráter

neutro e imparcial típico do texto jornalístico padrão. Observa-se o lide, a estrutura hierárquica de manter, no primeiro parágrafo, as informações essenciais, os elementos da frase na ordem direta, como ocorre nos textos noticiosos. No exemplo em questão, é nítida a semelhança com matérias jornalísticas baseadas na interpretação de pesquisas de opinião, comuns, por exemplo, em jornais como a *Folha de S. Paulo*, que possui um instituto de pesquisa específico para gerar matérias de interesse público.

Esses artifícios produzem o humor, o riso. Como afirma Fiorin, “ao esforço centrífugo dos discursos de autoridade opõe-se o riso, que leva a uma aguda percepção da existência discursiva centrífuga. Ele dessacraliza e relativiza o discurso do poder, mostrando-os como um entre muitos e, assim, demole o unilinguismo fechado e impermeável dos discursos que erigem como valores a seriedade e a imutabilidade, os discursos oficiais, da ordem e da hierarquia” (2016, p. 97).

Muitas vezes esse tipo de jornalismo, ou de entretenimento, o chamado pseudojornalismo, pode ser confundido com o fenômeno das *fake news*. Vários veículos de comunicação com engajamento político adotam a prática de disseminação de notícias falsas e não é incomum que as notícias publicadas em veículos como o *Sensacionalista* sejam confundidas, dependendo do seu teor, com notícias verdadeiras, o que promove críticas a esse tipo de jornalismo que, efetivamente, nem sempre é feito por jornalistas profissionais, mas por comediantes que dominam as técnicas de redação jornalística. No caso desses veículos, entretanto, não há o objetivo de confundir o leitor, uma vez que todas as notícias, apesar de baseadas em notícias reais, são modificadas não com a finalidade de enganar, mas de provocar o humor, como já dito. “A percepção do público que esses textos são falácias também é essencial para que se estabeleça a comicidade dos pseudojornais”, afirma Morett (2015, p. 20). Neste caso, também é necessário o conhecimento do texto primeiro, que permite a intertextualidade, para que se produza o efeito cômico.

A maior parte desses veículos, inclusive, não demonstra explicitamente uma preferência partidária ou ideológica, e seus alvos alcançam amplo espectro político. É importante deixar claro que isso não significa, de forma nenhuma, um posicionamento apartidário ou sem componente ideológico. Aqui se adota o ponto de vista do Círculo de Bakhtin, relacionado à adesão a qualquer posicionamento, ainda que seja aquele, adotado pelo jornalismo dito sério, de “isenção”, “apartidarismo”, “imparcialidade”. Esses princípios, ainda que sejam perseguidos, estão sempre alinhados a um posicionamento ideológico. Conforme afirma Volóchinov, um dos mais conhecidos membros do Círculo de Bakhtin (2019, p. 243):

“Entendemos por ideologia todo o conjunto de reflexões e refrações no cérebro humano da atividade social e natural, expressa e fixada pelo homem na palavra, no desenho artístico e técnico ou em alguma forma sígnica”.

Assim, é importante notar que, para o site *Sensacionalista* e, ademais, para outros exemplares desse tipo de humor, aparentemente, mas apenas aparentemente, não há heróis ou mitos, certos ou errados, esquerda ou direita, sagrado ou profano. Personagens e fatos de vários matizes do espectro político são ridicularizados, são motivo para o riso. Da mesma forma que o objeto da paródia deste artigo foi o governo atual, de direita, muitas vezes o alvo das notícias parodiadas é de esquerda ou, preferencialmente, do espectro político que está no poder e que, portanto, é mais frequentemente alvo de notícias de jornais considerados sérios.

Inclusive nessa característica o site adere à conhecida visão sobre a imprensa de agente de fiscalização, característica que foi notabilizada pelo humorista e jornalista Millôr Fernandes, um dos criadores de *O Pasquim*, com a frase: “Imprensa é oposição. O resto é armazém de secos e molhados”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se viu, para tratarmos de paródia na perspectiva do filósofo russo Mikhail Bakhtin é necessário relacionar o conceito com outros, como gênero do discurso, naquilo que ele tem de estável e de instável; plurilinguismo, entendido aqui como vozes sociais que cumprem um movimento centrífugo em relação às estabilidades linguísticas; e, principalmente, relações dialógicas, no sentido de que todo discurso, todo enunciado, se dá como resposta a um outro discurso, seja concordando, refutando ou, neste caso, parodiando o discurso primeiro. A noção de esfera de atividade também se mostrou profícua no sentido de revelar, por exemplo, que o universo do jornalismo possui características que se refletem no texto padrão da notícia e que são apropriadas por outra esfera de atividade, a dos comediantes, operadores do universo do humor que, de uma forma peculiar, encontra na estrutura composicional rígida do texto jornalístico o ambiente fértil para subverter o padrão a fim de provocar o riso, utilizando, para isso, o recurso da paródia.

Nesse sentido, as “notícias”, ou “pseudonotícias” encontradas no site *Sensacionalista* cumprem esses requisitos, no sentido de que se utilizam de um enunciado típico da esfera de atividade jornalística para, por meio da paródia, realizar um movimento centrífugo de

desestabilização dos sentidos, do aspecto aparentemente monológico da notícia padrão, estabelecendo, assim, um componente eminentemente dialógico no universo da linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento* – o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.
- _____. *Questões de literatura e de Estética* – A teoria do romance. São Paulo: Editora Unesp/Hucitec, 1998.
- _____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- BARROS, D. L. P. de. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.
- FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Contexto, 2016.
- FOLHA DE S. PAULO. *Manual geral de redação*. 2ª. ed. São Paulo: Publifolha, 1987.
- _____. *Manual de redação*. 2.ed. São Paulo: Publifolha, 2010.
- MORETT, M. D. *A sátira do acontecimento jornalístico pelo humor: os pseudojornais*. Monografia para obtenção do diploma de Comunicação Social – Jornalismo. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.
- SENSACIONALISTA*. Disponível em: <https://www.sensacionalista.com.br/>. Acesso em: 22 de jul. de 2020.
- SILVA, C. E. L. da. *O adiantado da hora: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro*. São Paulo: Summus, 1991.
- VOLÓCHINOV, V. *A palavra na vida e a palavra na poesia* – Ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grilo e Ekaterina Vóldova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.